

ZOONÍMIA E METASSEMIA

Zelia de Almeida Cardoso

Embora nada se possa afirmar com segurança sobre a origem da linguagem humana — o problema parece tão complexo e insolúvel que a Sociedade de Lingüística de Paris, em seus primeiros estatutos, estabeleceu que não seria tolerada nenhuma comunicação sobre tal origem (1) —, muitas teorias diferentes foram formuladas a esse respeito, sugerindo hipóteses sobre como teria surgido e se desenvolvido, entre a espécie humana, a capacidade de comunicação verbal.

Dar nome às coisas para futuras referências a elas, transformar esses nomes em convenção codificada, são, obviamente, os elementos que teriam, intuitiva e empiricamente, norteado o aparecimento da linguagem humana. E uma indagação se nos propõe imediata: quais as primeiras coisas que teriam merecido do homem primitivo a honra de um nome num universo vocabular reduzido e caótico? Não obstante qualquer resposta poder ser qualificada de precipitada e parcial, parece provável que o universo vocabular correspondesse, nas comunidades primitivas, ao universo, igualmente reduzido, conhecido de nosso antepassado. O homem teria conferido nomes, é evidente, às coisas que o cercavam, aos elementos da natureza, às pessoas, às plantas, aos animais, aos poucos objetos que conseguia fabricar em sua indústria doméstica incipiente, às ações mais comuns, às qualidades mais perceptíveis. Só mais tarde, com o alargamento do universo, novas palavras teriam vindo completar o léxico inicial, insuficiente e falho.

Os nomes dados aos animais são provavelmente antigüíssimos no vocabulário das línguas e é sobre eles que vamos tracejar algumas considerações, em nosso modesto e despretensioso trabalho. O porquê de nossa suposição? O léxico concernente aos animais é extremamente rico em todos os idiomas. Os povos selvagens e primitivos o atestam e a própria criança, incapaz ainda de pronunciar e articular sílabas perfeitas, balbucia, em tatibitate compreensível, sons onomtopaicos com que designa os bichos que conhece. Amigo ou inimigo,

(1) — Cf. MOUNIN, G. — *História de la linguística*. Madrid, Gredos, 1968. Cap. I.

caça e presa, alimento e veste, montaria e companheiro, temível ou amável, o animal conviveu com o homem desde os primórdios. O homem precisou dar-lhe nomes designativos. E os signos surgiram e nasceu, muito depois, a zoonímia, o estudo linguístico da origem dos nomes de animais (2)

O homem não respeitou, entretanto, a univalência significativa dos nomes que criou. O pensamento que se desenvolvia dia a dia, a capacidade de analisar e sintetizar, de particularizar e generalizar, de ver correspondências e aproximações fez com que aparecessem, rapidamente, na linguagem, os processos imagéticos, metafóricos, metonímicos e catacréticos. E o signo, que era único, fundindo em si um significante para um significado, tornou-se ambíguo à medida que um leque significativo determinou a polivalência, a plurissignificação do significante. Os significados únicos dos signos sofreram, decorrentemente, um processo de polissemia. E torna-se fascinante, hoje, o estudo da metassemia do vocabulário que tem como referente os animais.

Desde o grego, evoluído e literário, até as línguas primitivas, como as faladas, por exemplo, em nossas comunidades indígenas, em todos os idiomas encontramos o fenômeno metassêmico agindo sobre tal vocabulário.

Homero, na *Odisséia*, emprega a palavra “hippos” (que em vernáculo corresponde a “cavalo”) para designar “navios” (Od. IV, 708); utiliza “kyon” (“cão”) com a conotação de “vigilância” (J1 .X, 181) e Od. XVI, 4), de “imprudência”, “audácia” (J1 VI, 344 e Od. XVIII, 338), “furor” (J1 VIII, 298); “bous” (boi”), além da denotação específica, por redução metonímica é utilizado como “pele de boi” e também como “escudo”, uma vez que os escudos eram geralmente recobertos de tal pele (J1 VII, 238) Macão, poeta cômico, cujos fragmentos foram editados por Meineke (Com. gr. frag.), utiliza “bous” para referir-se ao “homem pesado e estúpido” e Êsquilo, no *Agamenão*, emprega a mesma palavra, aludindo a uma antiga moeda ateniense que, provavelmente, teria a efígie de um boi (“ bous epi glóssei bébeke. ” — Esch. Ag. 36); a palavra “kó-rax” (“corvo”), além de designar a ave, era também utilizada para indicar objetos recurvados, semelhantes ao bico do animal. Luciano a emprega para referir-se a um certo objeto de tortura (Nec. 11); Deodoro da Cícília, por meio dela designa um aparelho bélico (D.L. 17, pp.) (3)

(2) — Tomamos a liberdade de valer-nos de um neologismo não referendado pelo uso.

(3) — Cf. BAILLY — *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Hachette, 1950. (Verbetes citados)

O mesmo fenômeno ocorre no latim, onde o vocábulo “canis” (“cão”) é empregado por Plauto para designar uma coleira de ferro utilizada para castigar escravos e por Cícero, com o significado de “adulador”, “caluniador”, “intrigante”; “passer” (“pardal”) e “columba” (“pomba”) são usados por Plauto como termos carinhosos, enquanto “hircus” (“bode”) e “asinus” (“burro”) aparecem em Plauto e Cícero, respectivamente, com as conotações de “devasso” e “adulador, intrigante, caluniador”. “Leo” (“leão”) é empregado por Petrônio como “homem corajoso”, “lupus” (lobo), por Paládio, como “serra de mão”; “elephantus” (“elefante”), por Virgílio, com a significação de “marfim” e “uultur” (“abutre”), por Cícero, com a de “larápio” (4)

Em tupi, palavras como “jaçanã” (“ya-ça-nã”) servem para designar tanto a ave como os indivíduos que falam alto (5) ou pessoas de olho alerta; “jararaca” não só é empregada para nomear a serpente, mas também, em extensão metafórica, para designar a mulher de mau gênio; “mocó” (“mo-coó”) é o nome tupi de um pequeno roedor, muito comum no Brasil central, e também de uma espécie de bolsa ou saco feito da pele do animal (6)

O português, adotando muitas palavras de origem tupi, deu-lhes outros significados, além dos que possuíam inicialmente, baseando-se em relações de ordem metafórica, metonímica ou catecrética. “Gambá”, em gíria brasileira, significa “ébrio”; “jaburu” é empregado para designar a pessoa desajeitada, feiosa, e também uma espécie de jogo de roleta (7); “perereca” é pessoa pequena e buliçosa, possuindo também conotação chula. “Jacaré” apresenta muitas significações diferentes (8): além de designar o réptil propriamente dito, serve para nomear vários utensílios e aparelhos (tais como uma espécie de colher de pedreiro, de terminal elétrico, de candeeiro, de facão e uma peça para desvio de trilhos ferroviários) como ainda certa planta da família das leguminosas, um esporte-aquático e formações de arenitos fluviais.

(4) — Cf. SARAIVA — *Novissimo Dicionario Latino-Portuguez*. R.J., Garnier, s/d. (Verbetes citados)

(5) — Cf. SILVA Neto, Serafim da — *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. R.J., Dep. Imprensa Nacional, 1950. p. 157.

(6) — Cf. MONTEIRO, Clóvis — *Português da Europa e Português da América*. R.J., Acadêmica, 1959. Cap. IV.

(7) — Cf. VERISSIMO, Erico — *A volta do gato preto*. P. Alegre, Globo, 1947. p. 38.

(8) — Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1a. ed. R.J., Nova Fronteira.

Em todas as línguas, são principalmente os nomes dos animais que estão em contacto direto com o homem que sofrem o processo da metassemia.

Em português, não se fugindo à norma geral, palavras como “asno”, “besta”, “burro”, “cabra”, “cavalo”, “frango”, “galinha”, “gato”, “pato”, “porco”, “rato”, “raposa”, sofrem modificações semânticas, passando a designar ora qualidades próprias de tais animais (“burro”, “besta”, “cão”, “porco” chegam a passar de substantivos à categoria de adjetivos na linguagem popular), ora, em sentido metafórico, o indivíduo portador dessas qualidades (“frango”, “frangote” — rapazinho, adolescente; “galinha” — mulher fácil ou pessoa nervosa, covarde ou medrosa; “gato” — indivíduo esperto, ligeiro; “rato” — ladrão; “raposa” — pessoa estuta, sagaz), ora assumem conotações cujo ponto de contacto com a denotação original pode escapar ao observador (“cabra” — mestiço de mulato e negro, capanga cangaceiro, morador da zona rural; “boi” — cobertura de canoa, croque usado pelos barqueiros do Tocantins; “galo” — inchação na testa proveniente de pancada; “pato” — mau jogador; “porca” — peça que se atarracha ao parafuso; macaco” — maquinismo para levantar véculos)

Nem as aves, nem os artrópodes, nem os moluscos e crustáceos escapam ao processo da metassemia.

“Chupim” foge à denotação habitual e passa a ser, na linguagem familiar, o aproveitador e, até mesmo, o marido da professora que vive às expensas da espasa (9); “canário” é a pessoa que canta bem; “canarinho”, em gíria futebolística, o integrante da seleção nacional de futebol (relação metonímica alusiva à cor amarela das camisas utilizadas nos jogos internacionais); “gavião” é o indivíduo propenso a conquistas amorosas, “papagaio” o que fala demais ou o que repete coisas que ouviu sem entendê-las. Em 1976, deu-se o nome de “beija-flor” a certa modalidade de gripe que grassou no país: alusão provável ao nome de certa Escola de Samba que, inesperadamente, logrou arrebatá-lo o primeiro prêmio no desfile do Carnaval.

“Barata” é mulher velha; “formiga”, a pessoa econômica ou a que gosta muito de doces; “mosca”, o indivíduo importuno, impertinente (e também a pequena porção de barba que se deixa crescer sob o lábio inferior, a pinta artificial no rosto, o ponto central do tiro ao alvo); “mosquito” é diamante miúdo, em linguagem de garimpo,

(9) — id. ibid

“aranha”, uma antiga carruagem de duas rodas, “pulga”, o automóvel pequeno. “Caruncho” é o que corrói lentamente, “percevejo”, um preguinho de cabeça chata, “piolho”, em gíria jornalística, o pequeno erro tipográfico que escapa à revisão.

“Lesma” é o indivíduo indolente ou insípido; “ostra”, a pessoa que se apega demasiadamente a outra (variante de “carrapato”); “víbora” é quem tem má índole, “tartaruga” quem é lento em excesso, “caranguejo”, quem não progride, quem se arrasta pela vida.

Dentre os animais selvagens, de terra ou mar, também há aqueles que, por impressionarem o homem pelo porte, força ou qualidades específicas, merecem ter seu nome contado de permeio aos que sofrem o processo metassêmico.

“Hipopótamo”, “elefante”, “baleia” são palavras que podem designar pessoas gordas, desgraciosas, deselegantes; “lince” é o indivíduo de olhar agudo; “camelo”, o que trabalha demais, “tubarão”, o comerciante ganancioso e desonesto, “foca” o calouro em jornalismo, “zebra” o sem inteligência, estúpido e, também, o resultado inesperado numa partida de futebol ou loteria.

O tabu, responsável pela criação de tantos neologismos e eufemismos, também provocou metassemias, procurando entre os nomes de animais aqueles que pudessem designar coisas consideradas vergonhosas ou desagradáveis, substituindo palavras indesejáveis ou proibidas. Tanto a linguagem chula como a própria linguagem artística encontraram no rol imenso dos nomes de animais aqueles que poderiam ser postos no lugar de nomes menos belos ou considerados menos dignos de serem pronunciados. Palavras como “andorinha” “borboleta”, “mariposa” foram muitas vezes usadas para substituir a vulgar “meretriz”; “bode-preto”, “gato-preto”, “cão”, “porco” substituíram o terrível “diabo” nas conversações populares, na linguagem de todos os dias.

Se quiséssemos prolongar nosso estudo, aprofundando-o e dilatando-o, teríamos vastíssimo material à nossa disposição. Foi nosso intuito, entretanto, apenas levantar a problemática da metassemia dentro da nomenclatura dos animais. As rápidas considerações que tecemos são suficientes, queremos crer, para mostrar, num apanhado muito geral, a complexidade e a vastidão do assunto. Que tais considerações sirvam de ponto de partida para uma análise mais ampla e menos superficial.